

PREFÁCIO

Muito me regozija saber, pela autora deste belo livro (logo na página 11) que um longínquo seminário, por mim orientado, a “desassossegoou” (bendito desassossego!) para estas lides da Literatura Tradicional.

É verdade que sempre tive o fundo sentimento de que a literatura assinada é pouca coisa quando não enraíza nesse húmus do conto/canto anónimos, ao longo dos tempos produzido. Este meu sentimento é, infelizmente, muito menos generalizado do que pode parecer: embora o não diga, uma boa parte dos nossos criadores literários considera a cultura dita tradicional/popular coisa de ranchos folclóricos e arraiais de província e de velhotes desdentados a resmungar versos e ditos lá do tempo deles. Ignoram até que ponto esse tal húmus é necessário para que o texto individual possa criar raízes e medrar. A verdade é que a maior parte dos livros produzidos não fica a existir: só desfeitos em cinza adubariam esse tal chão da cultura em que, queiramos ou não, nos aconteceu nascer.

O nosso tempo sofre da acumulação do supérfluo. Gastamos a nossa necessariamente limitada energia a tentar emergir do excesso do supérfluo que, quotidianamente, nos soterra. Nos meus passeios pela Serra das Arrábida, vou todos os anos colher rosas magníficas, de perfume inigualável, a uma roseira meia sepultada pelas ruínas de uma casa mas que, mesmo assim, continua a comparecer regularmente ao apelo da Primavera. E penso sempre nesse subterrâneo ímpeto a que, românticamente, poderíamos chamar, sem pudor das palavras, a alma do povo.

Todos os grandes criadores de todos os tempos tiveram o profundo sentimento dessa dívida – ou melhor: dessa necessária sintonia. Se só pensarmos nos nossos, recordemos o grande Gil Vicente, o cosmopolita Almeida Garrett, o hipercivilizado Fernando Pessoa. Cada um a seu jeito obedeceu à necessidade de se reacerar com esse chão de que brotamos (mesmo os que o renegam) e a que regressamos bem mais rapidamente do que esperávamos. Pessoa bem disse que somos todos pais e filhos da nossa cultura: filhos porque dela nascemos, pais porque a vamos criando.

Lucília José Justino dedicou-se, com um fervor que não exclui o rigor – antes pelo contrário, o fortalece – a uma fecunda recolha de loas a Nossa Senhora que, só por si, tornaria este livro precioso. Mas vai mais longe: estuda-as. O seu objectivo confessado é estudar as loas a Nossa

Senhora da Nazaré, Círio da Prata Grande ou dos Saloios, do século XVIII ao século XXI.

Através das loas – cânticos piedosos, hinos de louvor, de que estuda os diferentes tipos e temas – manifestam-se vozes com diferentes entoações: amorosas, saudosas, aflitas. Lucília José Justino revela-nos essa polifonia. (Confesso que me vieram à lembrança os esplendorosos cânticos do grupo coral em que se integra, o Cramol, inteiramente constituído por mulheres, que se tem consagrado à nossa música tradicional.)

O culto mariano tem, neste livro, uma valiosa abordagem: a autora estuda paralelamente a sua tradição histórico – literária e a das loas, focando de modo particularmente interessante a cristianização do mito pagão. Vem-nos ao espírito a *Compadecida*, a Nossa Senhora do *Auto da Compadecida*, de Ariano Suassuna, que, com seu puro sabor vicentino, é um permanente louvor a essa mediadora do Divino, materno regaço para todas as dores e injustiças.

Dir-se-ia que se desenvolve entre a autora deste livro e a Senhora a quem as loas são dedicadas uma cumplicidade feminina, propiciadora do fervor com que estuda os hinos dos que a Ela se apegam. Ousaria pensar que um deus homem ou um santo macho lhe não teriam inspirado a mesma diligente simpatia...

Por mais crente ou ateu que o leitor seja, será certamente sensível à frescura ingénua dos cânticos que, como rosas de Maio – mês de Maria – são oferecidas à Senhora. Ficará, além disso, a saber coisas que não sabia, como eu fiquei, deixando-se levar pela mão – isto é, pelo saber... – da autora, através de várias histórias e tradições.

Teresa Rita Lopes